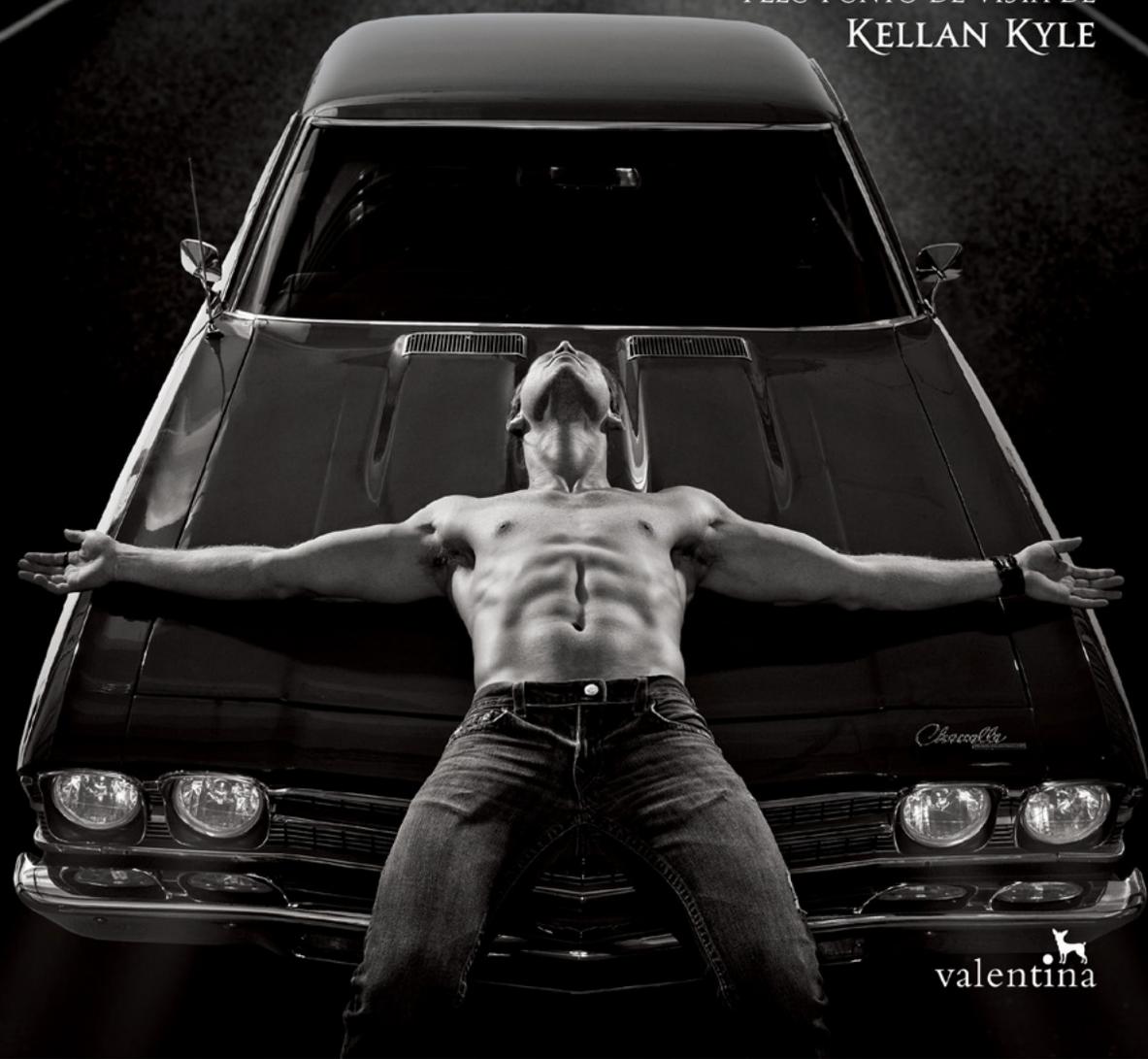


S. C. STEPHENS

Nº 1 da lista de best-sellers do *New York Times*

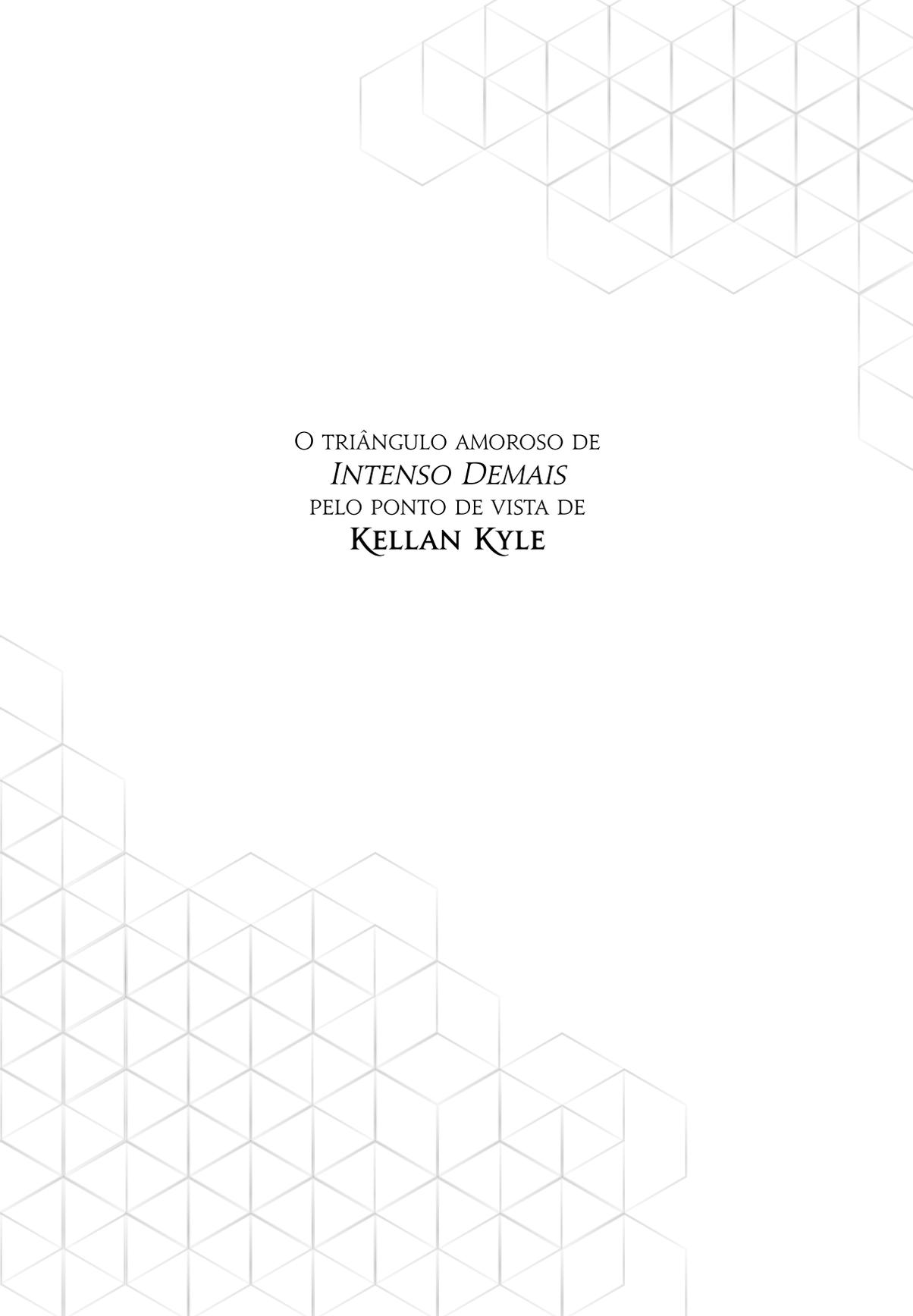
Rock Star

O TRIÂNGULO AMOROSO DE
INTENSO DEMAIS
PELO PONTO DE VISTA DE
KELLAN KYLE



valentina 

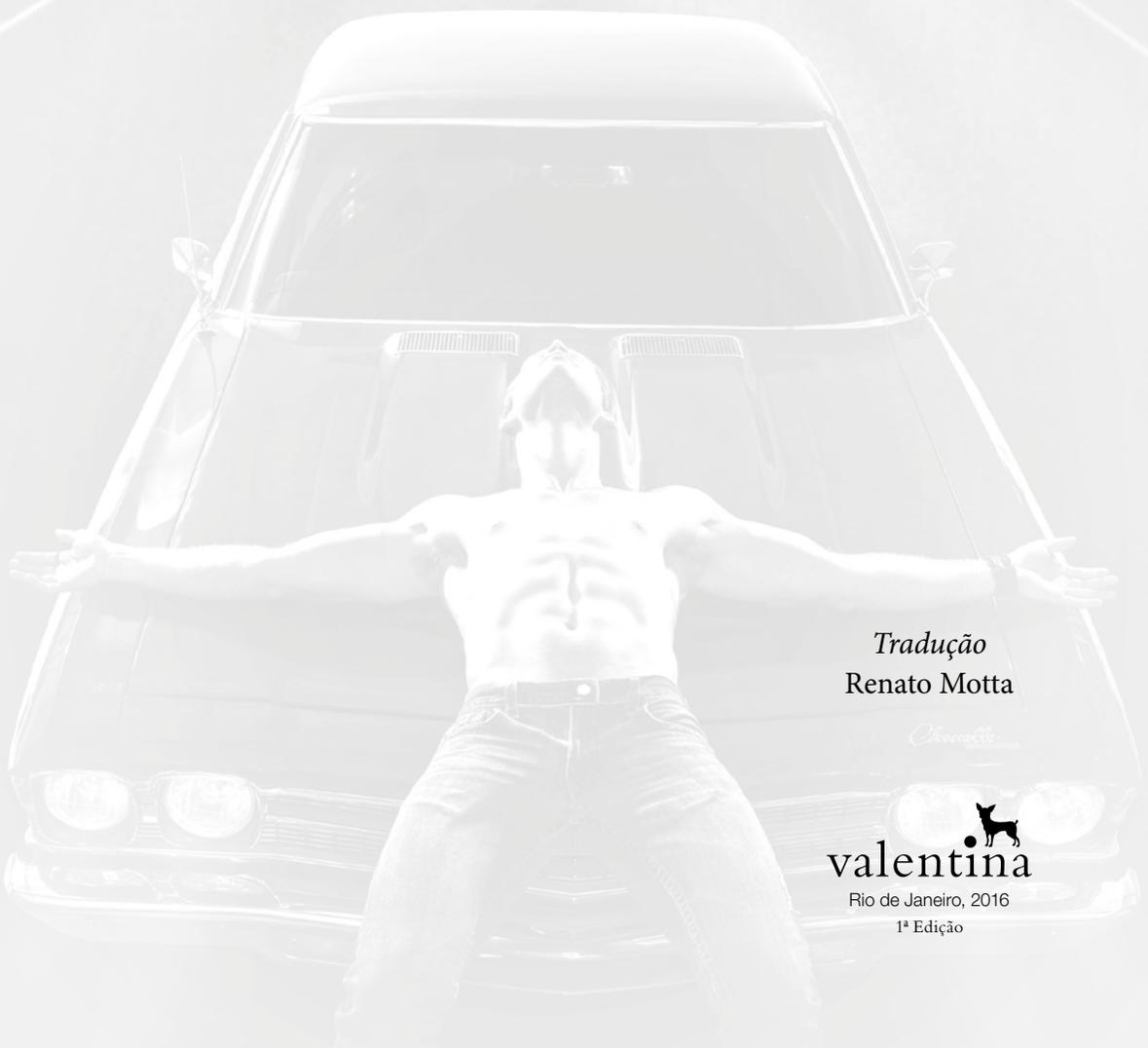
Rock Star



O TRIÂNGULO AMOROSO DE
INTENSO DEMAIS
PELO PONTO DE VISTA DE
KELLAN KYLE

S. C. STEPHENS

Rock Star



Tradução
Renato Motta

Choccolate

valentina
Rio de Janeiro, 2016
1ª Edição

Copyright © 2015 by S. C. Stephens
Publicado mediante contrato com Grand Central Publishing, New York, USA.

TÍTULO ORIGINAL
Thoughtful

CAPA
Marcela Nogueira

FOTO DE CAPA
Claudio Marinesco

FOTO DA AUTORA
Tara Ellis Photography

DIAGRAMAÇÃO
Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S855r

Stephens, S.C.

Rock star / S. C. Stephens; tradução Renato Motta. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2016.
512 p. ; 23 cm.

Tradução de: *Thoughtful*

ISBN 978-85-5889-021-2

1. Romance americano. I. Motta, Renato. II. Título.

16-34800

CDD: 813

CDU: 821.111 (73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

Eu não estaria onde estou hoje sem o amor e o apoio de meus fãs, então dedico esta canção a vocês.

Obrigado por virem me ver - às vezes viajando centenas de quilômetros para isso; suas camisetas, scrapbooks, jóias e lindos presentes sempre me deixam tremendamente surpreso! Obrigado por me amarem tanto a ponto de decorar as letras das minhas músicas; ouvir minhas canções cantadas por vocês, quando estou no palco, é uma emoção que eu nunca esquecerei.

Obrigado pela paixão de vocês, por sua devoção... e suas tatuagens. Fico atônito e me sinto humilde quando vejo uma delas que foi inspirada em mim ou na minha vida. Por fim, obrigado por me amarem apesar dos meus defeitos. Sei que eles são muitos, mas vocês escolheram enxergar além deles e me amar pelo que sou; minha gratidão por tudo isso é maior do que eu conseguiria expressar.

Sempre no meu coração,

Handwritten signature in black ink, appearing to be 'Kehlvan' written twice in a stylized, overlapping manner.

AGRADECIMENTOS (S. C. STEPHENS)

Este livro não existiria sem o apoio dos meus fãs, então meu primeiro agradecimento vai para você, leitor ou leitora! Também amo profundamente o núcleo de leitores que me acompanham desde o primeiro texto que publiquei na fictionpress.com. O grupo dos que torceram por mim ainda no começo do meu hobby-que-virou-carreira foi o que me fez ir em frente! Os livros que seguiram *Intenso Demais* não teriam existido sem o incentivo diário de vocês.

Quero agradecer a todos os autores que me apoiaram e inspiraram, especialmente: K. A. Linde, Nicky Charles, J. Sterling, Rebecca Donovan, Jillian Dodd, C. J. Roberts, Kristen Proby, Tara Sivec, Nicole Williams, Tarryn Fisher, A. L. Jackson, Tina Reber, Laura Dunaway, Katie Ashley, Karina Halle, Christina Lauren, Alice Clayton, Colleen Hoover, Abbi Glines, Jamie McGuire, Tammara Webber, Jessica Park, Emma Chase, Katy Evans, K. Bromberg, Kim Karr, Jessica Sorensen, Jodi Ellen Malpas, Lisa Renee Jones, T. Gephart, Gail McHugh, e muitos, muitos outros! Também quero agradecer a todos os autores que curtiram meus personagens a ponto de me perguntar se eles poderiam fazê-los entrar em seus mundos. Sempre me alegro quando vejo os D-Bags participando de outras histórias.

Para meu lindo, dedicado e trabalhador grupo de leitores beta – MUITO OBRIGADA!!!! A ajuda de vocês ao longo dos anos tem sido inestimável para mim, bem como sua boa vontade em me permitir entrar em suas vidas sem aviso prévio! Vocês são incríveis! Agradeço efusivamente a todos!

Quero agradecer aos seguintes blogs que declararam de forma tão apaixonada o seu amor pelas minhas histórias: *Totally Booked*, *Maryse's Book Blog*, *Flirty and Dirty Book Blog*, *Tough Critic Book Reviews*, *The Autumn Review*, *SubClub Books*, *MartiniTimes Romance*, *Brande's Book Endings*, *Crazies R Us Book Blog*, *Shh Mom's Reading*, *Kayla the Bibliophile*, *Nose Stuck in a Book*, *Chicks Controlled by Books*, *Fictional Men's Page*, *Fictional Boyfriends*, *A Literary Perusal*, *Sizzling Pages Romance Reviews*, *My Secret Romance Book Reviews*, *Madison Says*, *The Rock Stars of Romance*, *Literati Literature Lovers*, *Aestas Book Blog*, *The Book Bar*, *Schmexy Girl Book Blog*, *Angie's Dreamy Reads*, *Bookslapped*, *Three Chicks and Their Books*, *We Like It Big Book Blog*, *The Little Black Book Blog*, *Natasha Is a Book Junkie*, *Love N.*

Books, Ana's Attic Book Blog, Bibliophile Productions, Sammie's Book Club e muitos outros além desses! Vocês todos são uma das principais razões de as pessoas saberem quem eu sou!

Gostaria de fazer um agradecimento especial a todos os vários membros do Team Kellan – também conhecido como #SexyKK – por estarem sempre à altura do desafio de fazer campanha em prol de Kellan para tudo a que ele foi indicado. Essa loucura é divertidíssima de assistir, e a arte dos fãs é sempre criativa e bonita. Como eu não conseguiria trabalhar com o Photoshop nem que a minha vida dependesse disso, fico impressionada o tempo todo com a arte de vocês. E posso garantir que a campanha #BeggingSC funcionou! Espero que vocês gostem deste livro tanto quanto eu gostei de escrevê-lo!

Obrigada à minha incrível, fantástica e superagente Kristyn Keene, da ICM Partners. Seus conselhos, apoio e incentivo são fabulosos! Um agradecimento sincero a Beth de Guzman, da Forever, por ser uma grande defensora do meu trabalho, e também a Megha Parekh, uma editora extraordinária, pelo cuidadoso polimento que transformou *Rock Star* na bela história que é hoje. Gostaria também de agradecer a Lalone Marketing, a The Occasionalist, a JT Formatting, a Debra Stang, à Okay Creations, à Toski Covey Photography e à Tara Ellis Photography, por toda a ajuda na concepção e/ou na promoção, tanto minha quanto dos meus livros.

Em nível pessoal, agradeço à minha família e aos amigos pelo apoio interminável, e também pela sua paciência e aceitação dos meus horários malucos, especialmente aos meus filhos, que por vezes sofrem com o fato de mamãe estar em casa, mas indisponível. Amo demais todos vocês!

Por último, preciso agradecer a Kellan Kyle. Você pode ser um personagem de ficção, mas mudou completamente a minha vida, e por isso, devo-lhe tudo.

Capítulo 1

TUDO AO MESMO TEMPO NUM DIA SÓ

Toco violão desde que tinha seis anos. Integro a banda D-Bags há alguns anos, mas já toquei em várias outras bandas desde o ensino médio. Minha infância não foi das mais fáceis e a música foi a minha salvação. Desde a primeira vez em que peguei num violão me senti fisgado. Talvez tenha sido a sensação da madeira sob meus dedos, lisinha e gelada. Ou a rigidez das cordas e a reverberação profunda dentro do instrumento. Mesmo no tempo em que eu ainda era muito jovem para entender de verdade o impacto que a música teria sobre a minha vida, tocar violão já me afetava profundamente. Havia algo significativo naquele instrumento simples que parecia louco para explodir em som para o mundo. E também havia algo importante *dentro de mim* que morria de vontade de extravasar.

Meus pais tinham me dado o instrumento como presente, mas eu já sabia, mesmo naquela época, que aquilo era mais para eles do que para mim. Talvez fosse um jeito conveniente de me manter ocupado e sem pegar no pé deles, pois assim eles também não precisariam se mostrar tão presentes. A gravidez de minha mãe tinha acontecido por acidente e meus pais nunca me cobriram de carinho e amor, nunca me aceitaram de verdade. Eu fui um erro que havia modificado suas vidas para sempre, e eles nunca me deixavam esquecer isso. Mas tudo bem. O violão me manteve fora do caminho deles e eu sempre adorei tocar, por isso eu o considero um presente muito bom, apesar das segundas intenções por trás do gesto.

Embora meus pais não tenham se dado ao trabalho de me colocar em aulas de violão, eu aprendi a tocar sozinho. Levei um tempão para conseguir um som decente, mas ser filho único, sem amigos próximos e com pais que não queriam nada comigo foi algo que me proporcionou uma grande disponibilidade de tempo livre. Meu pai gostava de ouvir rádio o tempo todo, sempre que estava em casa. Geralmente ouvia noticiários ou

entrevistas, mas quando colocava música era sempre rock clássico. Eu adorava tentar imitar as canções; depois de dominar os acordes básicos, acompanhava com o violão todas as músicas que conseguia. Isso irritava meu pai terrivelmente. Ele aumentava o volume e me mandava ir para o quarto. “Se quer causar danos auditivos permanentes com essa barulheira infernal, faça isso lá dentro, para sofrer sozinho”, ele dizia.

Eu subia, mas deixava a porta do quarto entreaberta para continuar ouvindo a música. Tínhamos uma casa grande quando eu era criança, mas se eu dedilhasse baixinho conseguia acompanhar o que tocava lá embaixo. Ao longo dos anos que se seguiram, “Stairway to Heaven” foi minha música favorita, mas acho que essa é a favorita de todo mundo quando está aprendendo.

Pela primeira vez em minha vida de criança eu tinha encontrado algo que me trazia uma paz completa e total, algo com que eu me conectava, uma coisa que tinha vontades e desejos semelhantes aos meus. O violão *precisava* ser tocado. Eu *precisava* tocá-lo. Foi uma relação mútua, linda, bonita e simbiótica; durante muito tempo esse foi o único relacionamento verdadeiro que eu tive.

Agarrado ao meu adorado instrumento, fechei a porta à minha casa. “Lar” era uma palavra que eu usava com parcimônia quando descrevia meu espaço. Aquela era a casa dos meus pais, na verdade, mas eles morreram alguns anos depois e a deixaram para mim. Eu continuei morando lá porque era um lugar com quatro paredes e um teto, mas não tinha nenhuma ligação emocional com a residência em si. Tudo ali não passava de madeira, tijolo, vidro, pregos, cola e cimento.

Na época em que morei em Los Angeles, meus pais venderam a casa dos meus tempos de infância e se mudaram para uma casa muito menor. Eu só soube disso quando eles morrerem. Quando voltei, notei que eles tinham jogado fora tudo que era meu. Foi um momento confuso. Eles tinham tentado apagar de sua vida a minha existência, mas também tinham deixado a casa de herança para mim. E também ações, fundos de aposentadoria e todo o resto. Às vezes eu tinha dificuldade em entender o porquê de eles terem feito isso. Será que tinham passado por uma mudança sentimental a meu respeito? Talvez não.

Dei as costas para a casa deles, do lado de fora, e me voltei para o meu lindo Chevrolet Malibu preto e cromado que brilhava ao sol de fim de tarde. Eu tinha comprado aquela máquina em Los Angeles por uma merreca, e passara grande parte do verão ajeitando o carro todo. Ele era uma coisa linda, era o meu bebê, e ninguém mais podia dirigi-lo, só eu.

Guardei a guitarra no porta-malas e fui me encontrar com a galera da banda para ensaiar. Depois de entrar na autoestrada os meus olhos, como sempre, se voltaram para a paisagem urbana única que parecia florescer em volta: a silhueta de Seattle.

Eu tinha desenvolvido um relacionamento tenso com a “Cidade Esmeralda” ao longo dos anos, amando-a e odiando-a com a mesma intensidade. Lembranças ruins se

escondiam em cada esquina – a solidão da minha infância, a rejeição, as broncas homéricas, as humilhações constantes, os lembretes diários sobre o quanto eu era um fardo indesejável. O veneno emocional que meus pais tinham injetado em mim deixou marcas profundas, mas havia uma coisa boa acontecendo ali e agora; a banda foi o grande motivo para a minha relação com a cidade mudar.

Evan Wilder e eu tínhamos formado a D-Bags juntos. Só com minha guitarra nas costas, alguns dólares no bolso e sonhos de uma vida melhor na cabeça, eu tinha deixado Seattle logo após minha formatura do ensino médio. Pegando carona sempre que conseguia, logo eu me vi num bar na costa de Oregon. Tinha parado para tomar um drinque e conheci Evan no instante em que ele tentava convencer o barman de que tinha idade suficiente para tomar uma cerveja. Não tinha. Nem eu, mas consegui uma garrafa para nós dois com algumas piscadas de olho. Dividimos a bebida e nos entrosamos graças ao amor comum pela cerveja e pela música.

Depois de passar algum tempo com a família de Evan, nós dois fomos para o sul, rumo a Los Angeles, a Cidade dos Anjos, em busca de alguns músicos para formar uma banda. Conhecemos Matt e Griffin Hancock no mais improvável dos lugares: um clube de strip-tease. Bem, talvez não fosse tão improvável assim. Afinal, Evan e eu estávamos cheios de tesão; éramos adolescentes recém-saídos do ensino médio.

Nós quatro nos entrosamos bem desde o princípio, e logo estávamos agitando em bares e boates de L.A. Provavelmente ainda estaríamos por lá até hoje, mas eu larguei tudo e corri de volta para Seattle depois que meus pais morreram. Para minha surpresa a galera toda me acompanhou, e temos tocado aqui em Seattle desde então.

O tráfego ficou mais intenso quando me aproximei do centro. A gente sempre ensaiava no apartamento de Evan. Como ele não morava num bairro residencial, tecnicamente falando, o barulho que fazíamos nunca era problema. O estúdio dele ficava em cima de uma oficina de carros. Isso era ótimo, especialmente quando meu bebê precisava de manutenção. Roxie era a minha mecânica favorita na oficina. Ela amava meu carro quase tanto quanto eu, e sempre tomava conta da máquina com carinho enquanto eu estava lá em cima tocando com os rapazes.

Roxie estava rindo de alguma coisa ao lado de um colega quando estacionei o carro, e acenou para mim no instante em que me viu. Ou, mais precisamente, viu o meu Chevelle; aquela garota só tinha olhos para o meu carro.

– E aí, Roxie, como vão as coisas?

Passando a mão suja pelo cabelo muito curto, ela respondeu:

– Tudo na boa. Estou pensando em escrever um livro infantil sobre uma chave inglesa que ajuda animais em apuros. Posso escrever uma cena em que ela dirige um Chevelle. – Ela piscou para mim.

– Parece uma ideia legal. – Eu ri. – Boa sorte.

– Obrigada. – Ela sorriu. Enquanto eu seguia para as escadas com minha guitarra, Roxie gritou: – Ei, me avise se o Chevelle precisar de alguma coisa! Você sabe que para trabalhar nele eu atendo de graça, não sabe?

– Sim! Eu sei – gritei de volta.

Griffin estava na cozinha quando entrei. Vasculhava a comida de Evan. Tocar sempre lhe dava fome. Seus olhos claros se voltaram para mim e eu, sorrindo, joguei para ele a caixa de Froot Loops que trouxera. Na verdade, eu tinha resolvido pegar aquilo quando estava com o estômago vazio, ao fazer as compras da semana no supermercado, mas me arrependi depois e sabia que aqueles cereais coloridos nunca seriam consumidos em minha casa.

A expressão de Griffin se iluminou quando ele pegou a caixa.

– Que maravilha! – murmurou, abrindo a caixa na mesma hora para enfiar a mão no saco plástico interno, pegando um punhado de cereais açucarados e mastigando tudo de forma barulhenta antes mesmo de eu chegar à área que funcionava como sala de estar no único e imenso cômodo.

Matt ergueu os olhos quando coloquei o estojo da guitarra sobre o sofá ao lado dele. Olhava para algo no celular que me pareceu um site. Eu não tinha certeza, não tinha celular e provavelmente nunca teria. Tecnologia moderna era uma coisa que me deixava desconcertado; eu simplesmente não me importava o bastante com essas coisas para me interessar. Gostava do que gostava, não importa se estava ou não fora de moda. Sério mesmo, meu carro ainda tinha toca-fitas e Griffin vivia me zoando por causa disso, mas enquanto o aparelho funcionasse eu me sentia feliz. Era assim com tudo que eu tinha.

– Acho que nós deveríamos começar a tocar em festivais e feiras, não só em bares. É tarde demais para entrar no Bumbershoot deste ano, mas acho que deveríamos participar no ano que vem. Já estamos prontos. – Com corpo magro, cabelo louro e olhos azuis, Matt e Griffin se pareciam muito, fisicamente. Em termos de personalidade, porém, os dois primos não poderiam ser mais diferentes.

– Será? Você acha? – perguntei, não muito surpreso por Matt estar pensando em nosso futuro. Ele quase sempre fazia isso.

Atrás dele eu vi Evan vagar através do equipamento de ensaio que a banda mantinha ali. Seus olhos castanhos sorriam para mim debaixo de seu cabelo escuro cortado bem curto, quando ele se aproximou do sofá.

– Na verdade, acho que estamos tão bem preparados quanto jamais poderemos estar, Kell. É hora de darmos um passo à frente. Com suas letras e meus arranjos... nós valemos *ouro*. – Matt era um dos guitarristas mais talentosos que eu já tinha visto, mas era Evan quem fazia os arranjos da maioria das nossas canções.

Matt olhou para Evan com um aceno de cabeça entusiasmado. Olhando de um para o outro, ponderei comigo mesmo se realmente estávamos prontos. Dei razão a eles: estávamos, sim. Tínhamos uma quantidade de músicas mais que suficientes e muitos fãs. Aquilo seria um grande avanço para a banda, ou talvez uma monumental perda de tempo.

Quando Evan chegou à parte de trás do sofá, cruzou os braços sobre o peito. Todos os meus colegas de banda eram cheios de tatuagens – as de Griffin eram mais do tipo obscuro, garotas nuas e coisas desse tipo; as de Matt tinham mais classe e significado por trás de cada curva ou símbolo. As de Evan, por sua vez, eram como quadros vivos e fortes. Seus braços eram uma obra-prima de museu, imagens feitas de fogo, água e os outros elementos da natureza.

Matt e Griffin tinham compleição magra, enquanto Evan era mais volumoso. Meu tipo de corpo ficava no meio-termo entre esses extremos, não muito magro nem musculoso. Em termos de arte corporal, porém, eu era virgem. Simplesmente não conseguia pensar em algo que amasse o bastante a ponto de marcar de forma permanente na pele. Já que nada na vida era permanente, por que fingir que era immortalizando uma imagem numa *tattoo*? Aquilo me parecia sem sentido.

Sorri para meus empolgados companheiros de banda.

– Vamos partir para isso, então. Pode agitar tudo, Matt.

Sorrindo, Matt voltou para o celular. Griffin se aproximou e jogou um braço em volta de mim.

– Fantástico! O que devemos fazer, então? – Alguns pedaços soltos de cereais Fruit Loops caíram de sua boca quando ele perguntou isso.

– Por enquanto nada – respondi, dando um tapa amigável no seu peito.

Ele emitiu um som de dor e mais cereais coloridos lhe caíram das bochechas. Juro que Griffin tinha a maior boca entre todas as pessoas que eu conhecia.

Depois de duas horas de ensaio, demos o dia por encerrado. Nos enfiamos em nossos carros e fomos para o Pete's Bar. Ali era a nossa base, o local onde tocávamos pelo menos uma vez por semana, às vezes mais, e sempre acabávamos o dia ali, mesmo nas noites em que não nos apresentávamos. Era como se o dia não estivesse completo até entrarmos pelas portas duplas, mesmo que fosse por pouco tempo. Todos nos conheciam ali, e nós também conhecíamos todo mundo. Nossas coisas estavam lá, nossos amigos viviam lá, toda a nossa vida estava naquele lugar.

Estacionei o Chevelle na minha vaga quase oficial. Como sempre ela estava vazia, à minha espera. Quando desliguei o motor, os sons de uma canção de Fleetwood Mac desapareceram em pleno refrão. Por um instante eu pensei em ligar o carro novamente para acabar de ouvir a música, mas já a tinha ouvido um milhão de vezes e queria mais era me sentar no bar e tomar uma cerveja gostosa e estupidamente gelada. Essa imagem me pareceu fantástica naquele momento.

Evan saltou do carro dele quase ao mesmo tempo que eu, e me deu um tapinha no ombro quando nos encontramos, na traseira do meu carro. Olhei em torno, em busca de Matt e Griffin, mas eu não vi a Vanagon de Griffin por ali.

– Ué... Onde estão Tweedledee e Tweedledum? – perguntei a Evan.

Ele sorriu com o canto do lábio.

– O babaca do Griffin disse que precisava correr para casa porque esqueceu de trazer o short de Traci e ela precisa dele para trabalhar.

Imaginando os dois, balancei a cabeça. Traci era garçõete no Pete's. Ela e Griffin andavam brincando ultimamente, o que não era exatamente um problema, a não ser pelo fato de que Traci estava começando a se apegar; ela não era o tipo de mulher que aceita manter as coisas em nível casual sempre. O que a tornava exatamente o oposto de Griffin.

A luz acolhedora dos anúncios em néon no bar tomou conta de mim quando abri as portas para entrar no meu refúgio. Respirei fundo assim que entrei e algumas ansiedades desconhecidas foram dissolvidas dos meus músculos. Tudo naquele lugar me relaxava. O barulho, os cheiros, a música e as pessoas. Se havia um lugar onde eu poderia dizer que me sentia contente de verdade, era ali.

Do meu lado esquerdo, uma voz rouca gritou:

– E aí, qual é, Kellan?

Olhando para trás eu vi Rita, a atendente do bar, que me observava. Tinha no rosto a expressão de um homem morrendo de sede diante de uma garrafa de água, mas eu já estava acostumado com esse olhar. Eu tinha dormido com ela uma vez; pela forma como ela sempre me olhava, porém, uma vez não tinha sido o bastante.

– E aí, Rita? – Balancei a cabeça em saudação, e seus olhos se fecharam com um gemido suave.

– Nossa! – murmurou ela, fazendo descer uma unha muito comprida e pintada até o fundo do decote. – Como ele é gostoso!...

Depois de acenar em saudação para os frequentadores de sempre, Evan e eu seguimos lentamente até nossa mesa. Bem, tecnicamente ela não era “nossa”; porém, do mesmo modo que a vaga “cativa” para o meu carro, ela ficara conhecida como a “mesa da banda” devido às nossas visitas constantes ao Pete's.

Inclinando-me para trás na cadeira, coloquei os pés sobre a ponta da mesa. Enquanto decidia se iria pedir iscas de frango ou hambúrguer, meus pés foram arrancados dali sem a menor cerimônia, e bateram no chão com um baque surdo. Perdi o equilíbrio e meu corpo foi lançado para frente. Uma loura bonita vestindo uma camiseta vermelha muito justa onde se lia “Pete's” estava em pé ao lado da mesa com uma das mãos no quadril. Seus lábios pareciam colados, com um ar de desagrado.

– Não coloque os pés sobre a mesa, Kellan. As pessoas comem aí.

Um sorriso divertido fez meus lábios se curvarem.

– Desculpe, Jenny. Estava só ficando à vontade.

A boca de Jenny se abriu num sorriso encantador.

– A cerveja é que deve te deixar à vontade. Duas ou quatro? – Seus olhos claros se alternaram entre mim, Evan e as cadeiras ainda vazias em nossa mesa.

Evan percebeu que aquela era uma pergunta sobre os companheiros de banda que faltavam e ergueu quatro dedos.

– Eles estão chegando.

O sorriso de Jenny se tornou brincalhão quando ela estendeu a mão e coçou a cabeça de Evan. Ele fechou os olhos e começou a bater com a perna no chão num ritmo rápido, como um cão que recebe carinhos na barriga. Jenny riu e seus olhos se iluminaram de um jeito muito atraente. Eu gostava dela. Jenny tinha um bom coração e nunca me julgava abertamente pela natureza promíscua da minha vida.

Eu tinha descoberto o sexo numa idade muito precoce, completamente por acaso e, como a música, aquilo me marcara profundamente. Eu ainda ansiava pelo sentimento e pela sensação de proximidade que o sexo me proporcionava, e procurava por isso sempre que tinha chance. Não era exigente sobre as mulheres com quem dormia – mais velhas, mais novas, atraentes ou simples, mães, namoradas ou esposas. Quem elas eram não me importava, eu só queria saber se estavam interessadas. Isso provavelmente não me parece uma coisa boa de se admitir, mas era a pura verdade. Sexo era uma válvula de escape para mim. Ele me fazia sentir como parte de algo maior que eu; ele me fazia sentir conectado com o mundo à minha volta. E eu *precisava* me sentir desse jeito, porque minha vida era cheia de espaços vazios.

Eu tinha tentado muito seriamente dormir com Jenny assim que ela começou a trabalhar no Pete's, mas ela me cortou logo de cara. Disse que não pretendia ser brincadinho de ninguém. Mesmo assim não recusara minha amizade, e isso significou muito para mim. Eu não a dispensaria se ela mudasse de ideia algum dia e topasse uma ou duas transas, mas não pretendia forçar a barra. Gostava do ponto onde estávamos, mesmo não rolando nada sexual.

Quando Jenny se virou para ir embora, eu pedi:

– Quero um hambúrguer também. Com bacon! – Ela ergueu o polegar no ar para me mostrar que tinha ouvido.

Quando desviei os olhos da bunda de Jenny, Evan me deu uma cotovelada nas costelas.

– Escuta, Kell – começou ele. – O que você acha de Brooke? Ando pensando em convidá-la para sair. Ainda não sei ao certo, cara, mas acho que ela pode ser a mulher da minha vida. Tipo, você já reparou nas covinhas dela?

Evan sorriu e eu não pude deixar de sorrir de volta para ele.

– Sim, eu acho que ela é ótima, vá em frente. – Evan encontrava uma nova “mulher da sua vida” a cada seis semanas, mais ou menos. Bem que poderia tentar algo sério com Brooke. Quem sabe esse seria o melhor mês e meio da sua vida. Depois de dar meu pitaco, recoloquei os pés sobre a mesa e esperei a comida, a bebida e a chegada dos meus outros companheiros de banda.

– Ai meu Deus... Você é Kellan Kyle!...

Virei-me ao ouvir meu nome. Graças à minha ocupação eu era reconhecido o tempo todo, especialmente naquele bar. Na mesa à minha frente, uma jovem baixinha com cabelo tão louro que era quase prateado olhava na minha direção. Por trás do volumoso rímel preto, as íris da garota eram de um tom azul-turquesa, como água tropical calma. Não havia como negar que ela era muito bonita e parecia saber quem eu era. Diante disso, lancei-lhe um sorriso genuinamente simpático em resposta à sua declaração empolgada.

– A seu dispor – eu disse, dando um tapinha num chapéu imaginário. Ela riu e o som que emitiu foi estranhamente inocente, considerando a forma como ela me comia com os olhos. A verdade estava na cara: aquela garota não era nenhum anjo de inocência. Como eu também não era, já combinávamos um com o outro logo de cara.

Ela perguntou se poderia se sentar à minha mesa e eu dei de ombros. Claro, por que não? Depois que ela puxou uma cadeira exclamou, emocionada:

– Eu vi você tocar duas semanas atrás na Pioneer Square. – Sua mão se aproximou, seus dedos tocaram meu peito e, em seguida, deslizaram até minha barriga. – Você foi... incrível!

Meus lábios se abriram de leve quando eu acompanhei com os olhos a mão dela, e ela também baixou o olhar. Só aquele breve toque despertou algo em mim... desejo, anseio. Eu não tinha certeza do porquê, exatamente, mas havia algo no toque humano que calava fundo em minha alma. Um tapinha nas costas dado por um amigo conseguia alterar completamente o meu humor, e uma garota alisando minha coxa me deixava *com tesão* na mesma hora. Aquela era uma ligação forte e inexplicável que eu compartilhava com as pessoas que cruzavam meu espaço pessoal, quer elas percebessem ou não. Naquele momento, aquela mulher que eu nunca tinha visto me acariciava e me colocava na mente coisas devassas e lascivas.

Eu era uma massa moldável nas mãos dela, agora. Faria qualquer coisa por aquela garota... Bastaria ela pedir.

Vamos lá, peça para mim, garota com olhos de mar, e eu serei o que você quiser que eu seja.

No fim da noite ela finalmente me perguntou, sem muitos rodeios:

– Que tal irmos até sua casa para tomarmos um drinque? Onde você mora?

Senti a avidez me correr pelas veias e sabia muito bem o que iria acontecer, mas mantive uma expressão casual e despreocupada.

– Moro perto daqui.

Levamos menos de quinze minutos para chegar à minha casa; minha “convidada” me seguiu no carro dela. Com ela quase nos meus calcanhares, caminhei até a porta da frente e a abri. Assim que entrei, joguei as chaves sobre a mesa em forma de meia-lua que ficava debaixo de uma fileira de ganchos para pendurar casacos. Por sobre os ombros, perguntei a ela:

– Então, que tipo de bebida você gostaria de tomar?

A porta da frente bateu com força; em seguida, dedos ferozes agarraram meu braço e me viraram para trás. As mãos dela puxaram meu rosto para baixo e, antes que eu percebesse, a boca da loura cobria a minha por completo. Acho que ela tinha mudado de ideia com relação à bebida. Descendo, segurei-a pela bunda e a ergui no ar. Como se fosse uma jiboia, ela enroscou as pernas em volta da minha cintura e apertou com muita força. Isso tornou um pouco mais difícil carregá-la, mas consegui chegar até a base da escada.

A loura começou a me arrancar as roupas no segundo em que a coloquei no chão do meu quarto. Depois de jogar longe a minha jaqueta e a camiseta, fazendo com elas uma pilha no chão, ela passou as unhas pela minha barriga. Meus músculos se retesaram em resposta e ela gemeu baixinho.

– Puta merda, você tem uma barriga de tanquinho que é uma delícia. Quero lambê-la.

Ela me empurrou de costas na cama e começou a fazer exatamente o que tinha anunciado. Meus olhos se fecharam lentamente como os movimentos leves da sua língua, que enviaram ondas de desejo até minha virilha. Malhar regularmente era outra forma de libertação para mim, algo que eu fazia para clarear as ideias e limpar as teias de aranha das recordações ruins que às vezes se agarravam aos cantos da mente, se recusando a me deixar em paz. Como resultado disso eu malhava muito e meu corpo era sarado e bem definido. As mulheres adoravam isso e eu me sentia grato pelo corpo escultural, efeito colateral da minha libertação.

Quando a loura chegou às minhas calças, não hesitou nem por um segundo. Abriu o zíper com força, arriou-as e caiu de boca. Respirando fundo, agarrei os cabelos dela no instante em que ela alcançou meu ponto mais sensível. Algumas mulheres não gostavam quando eu segurava a cabeça delas com força para mantê-las no lugar. Outras enlouqueciam com isso. A loura gemeu e enviou vibrações com a língua ainda mais excitantes ao longo do meu pau.

Quando acabou de me degustar ela se afastou ligeiramente. Eu abri os olhos para vê-la me fitando com uma expressão de paixão, luxúria e diversão. Por um breve segundo eu me perguntei o que ela realmente pensava de mim. Será que sabia algo além do meu nome e de eu tocar numa banda de rock? Será que sacava que eu virava meu

coração do avesso nas letras das minhas músicas? Será que percebia que a vida que eu levava sempre deixava um buraco vazio na minha alma? Que eu me sentia tão sozinho que às vezes quase não me aguentava em pé? Será que estava interessada em descobrir todas essas coisas? Ou o fato de eu ser um rock star era o suficiente para ela? Como costumava ser para todas as outras garotas com quem eu dormia?

Menos de cinco segundos depois estávamos completamente nus e eu explorava o corpo dela com a língua. Agindo de forma quase agressiva, minha convidada me virou de costas e se colocou por cima. Aquilo foi bom; suas mãos em todo o meu corpo me traziam sensações maravilhosas. Relaxando, eu lentamente me entreguei à emoção de estar fisicamente ligado a alguém. Adorava esse momento. Os lábios da garota viajaram pelo meu corpo e seu cabelo quase prateado fez cócegas na minha pele; eu adorava isso também. Sem nenhum aviso prévio, ela deixou de enfiar a língua várias vezes dentro do meu umbigo e me tomou inteiro na boca. Gemendo, agarrei um pedaço do lençol com força no instante em que o prazer em estado puro me acendeu ainda mais. Minha mente se desligou de vez e eu comecei a entrar de verdade no clima. Quando senti o tesão aumentar até o quase doloroso ponto de erupção, a garota parou. Ergui a cabeça e olhei para ela.

Por Deus, aquilo era uma provocação?

Com os olhos semicerrados, ela lambeu os lábios.

– Você é gostoso demais. Quero você dentro de mim. Quero que você me foda agora! Com força e depressa.

Direto ao ponto. Tudo bem... Com força e depressa. Eu estava com tesão suficiente para fazer as duas coisas. Empurrando-a de costas, trepei em cima dela. Quando tentei me afastar para pegar uma camisinha ela enrolou as pernas em torno de meus quadris, como se pretendesse deixar o caminho livre por completo.

Tudo bem, tenha paciência!

Afastei suas pernas e ela fez cara de estranheza. Percebi até um clarão de fúria em seus olhos.

Enquanto ela se contorcia debaixo de mim e implorava para eu me apressar, abri a gaveta da minha mesinha de cabeceira. Camisinhas eram uma coisa da qual eu não abria mão. Não estava a fim de pegar alguma doença, nem de engravidar alguém. Minha própria existência tinha sido o resultado de minha mãe trair meu pai, e essa era uma das muitas razões pelas quais ele me detestava. Se bem que minha mãe, na verdade, também me odiava. Um bastardo na minha árvore genealógica já era o bastante, e era por isso que eu sempre me protegia.

Pegando um dos muitos pacotes quadrados que mantinha ali, abri a camisinha e a desenrolei sobre o pau antes de minha acompanhante reclamar ainda mais sobre a minha ausência. Quando eu a penetrei com força ela não me pareceu tão apertada

quanto eu gostaria, mas foi legal... foi *realmente* bom. Assim que entrei ela gritou meu nome. A plenos pulmões. Meus ouvidos doeram. Ela estava tão pronta para mim que me mexer e rebolar lá dentro foi fácil. Dei-lhe uma estocada interminável, afundando o máximo que consegui, mas me encolhi um pouco quando ela tornou a gritar com mais força. Será que eu a estava satisfazendo tanto que ela não conseguia controlar os berros?

– Isso mesmo, Kellan! Mais forte! Mais rápido!

Ela gritou isso tão alto que eu tinha certeza de que todos no quarto conseguiram ouvi-la. Talvez a ideia fosse exatamente essa. Quando continuei a bombeá-la sem parar, ela colocou os braços e as pernas em volta de mim. Sentindo algo ainda melhor que meu clímax iminente, enterrei minha cabeça na curva de seu pescoço. Sua mão subiu para se enredar suavemente no meu cabelo e eu finalmente senti. *Aquilo*. Aquela ligação. Aquele vínculo. Era isso que eu queria, o que eu gostava, e tentei desesperadamente me agarrar com mais força nela.

Deixe-me sentir isso só por mais um minuto...

– Mais força, Kellan! Ai Deus, você é incrível! Vamos, me foda. Isso mesmo, me foda com força!

A ligação que eu sentia se desfez à medida que os gritos dela se intensificavam. Tentei segurar aquele sentimento íntimo, mas não consegui; o momento passou. Grunhindo, me enfiei lá dentro com mais força e mais depressa. Era melhor acabar logo com aquilo. Os gritos e gemidos dela se tornaram quase teatrais, mas eu a senti se apertar ao redor de mim, então percebi que ela não estava fingindo por completo. A tensão também foi aumentando dentro de mim, até me lançar além dos limites da sanidade.

– Por Deus, sim – murmurei, no instante em que ejaculei. *Porra!* Por uma fração de segundo, enquanto ejaculava com força, me senti muito bem. Tudo em minha vida era perfeito, tudo estava certo no meu mundo. Então meu orgasmo terminou, a sensação desapareceu e um sentimento mais escuro começou a preencher o vazio.

Saí de dentro dela, rolei de lado e me deitei de costas. Ela estava ofegante ao meu lado com uma expressão de satisfação no rosto.

– Nossa, você é mesmo tão incrível quanto elas contam.

Olhei para a garota.

Elas dizem que eu sou incrível? Quem são elas, exatamente?

– Volto rapidinho – avisei, me erguendo.

Levantando da cama eu saí do quarto, entrei no banheiro e arranquei a camisinha. Imaginei que deveria estar me achando incrível naquele momento, mas me senti esquisito. Ainda mais incompleto. Aquilo começava a se tornar um sentimento familiar que surgia logo depois do sexo. Era como acordar com uma ressaca poderosa, e toda vez eu me enxergava um pouco mais asqueroso que antes.

Enquanto eu olhava para mim mesmo no espelho e me debatia em confusão, ouvi minha acompanhante se agitando de um lado para outro no quarto. Um segundo depois ela saiu no corredor, já completamente vestida. Com um suspiro melancólico, ela olhou para o meu corpo magro e totalmente nu.

– Puxa, se eu tivesse tempo, gostaria de ficar aqui para repetir a dose com você desde o início. – Encolheu os ombros. – Pena eu ter de ir embora. – Entrando no banheiro, jogou os braços em volta de mim e me deu um abraço forte. – Eu me diverti muito. Obrigada! – Beijou meu ombro, e deu um tapa estalado na minha bunda nua. – A gente se vê por aí, Kellan. – Rindo, completou: – Mal consigo acreditar que eu acabei de trepar com Kellan Kyle!

Virando-se, seguiu quase aos pulos pelo corredor até a escada. A porta da frente abriu e fechou menos de um minuto depois. Em seguida o motor de um carro foi ligado e o veículo começou a se afastar ruidosamente. Ainda olhando para a porta do banheiro, eu sussurrei “Até logo”, para o corredor vazio.

Voltando os olhos para o espelho, respirei fundo novamente. Uma sensação de desapontamento me inundou. Eu deveria me sentir melhor do que aquilo. Quando eu era mais jovem, a euforia do pós-sexo sempre me acompanhava durante um longo tempo. Às vezes até por vários dias. Agora, porém... ela desaparecia quase instantaneamente. Alguma coisa estava faltando. Eu me sentia vazio e ainda mais solitário do que antes do sexo... E não fazia a menor ideia do que devia fazer para mudar isso.